

# Aprender com o Ciclone Idai e o Ciclone Kenneth para Informar a Programação de Redução de Risco de Desastres a Longo Prazo em Moçambique



Este resumo baseia-se num estudo de Capacidades de Revisão Pós-evento (PERC) da Zurich Flood Resilience Alliance que analisa os impactos do ciclone Idai e do ciclone Kenneth de 2019 em Moçambique. Este resumo apresenta uma série de lições de resiliência do ciclone Idai e do ciclone Kenneth com base em entrevistas informativas importantes e investigação de apoio, e destaca oportunidades para informar a programação de Redução de Risco de Desastres (RRD) a longo prazo em Moçambique. Este produto é acompanhado por vários outros produtos detalhados semelhantes, bem como por um relatório mais longo. Uma cópia eletrónica deste resumo e de outros materiais do estudo está disponível em: [www.i-s-e-t.org/perc-cyclone-idai-2019](http://www.i-s-e-t.org/perc-cyclone-idai-2019). Informações adicionais sobre o PERC podem ser encontradas em [www.floodresilience.net/perc](http://www.floodresilience.net/perc) e informações adicionais sobre resiliência às inundações em [www.floodresilience.net](http://www.floodresilience.net)\*

\*Definimos a resiliência (ao desastre) como a capacidade de um sistema, comunidade ou sociedade de seguir os seus objetivos de crescimento e desenvolvimento social, ecológico e económico, enquanto gere o seu risco (de desastre) ao longo do tempo, de forma mutuamente reforçada, delineando a abordagem multifacetada e interdisciplinar à resiliência.

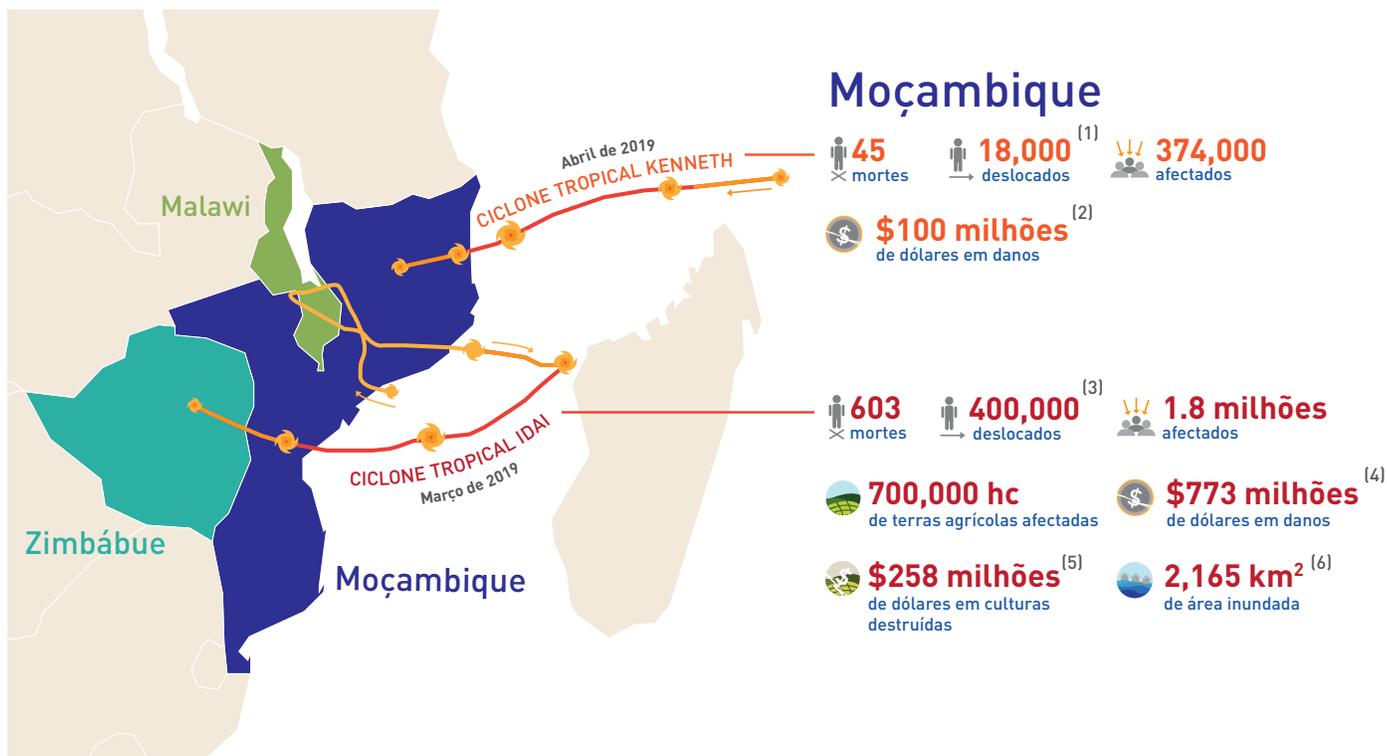
## Introdução

Em março e abril de 2019, dois ciclones tropicais, Idai e Kenneth, atingiram o centro e o norte de Moçambique, causando uma destruição, danos e perda de vidas generalizados devido a ventos fortes, precipitação e inundações subsequentes. O ciclone Idai, um ciclone de categoria 2 quando atingiu a massa terrestre, foi a tempestade mais mortífera de sempre a atingir África e o maior desastre humanitário de 2019, causando 1300 mortes em todo o sudeste de África<sup>1</sup>. O ciclone Kenneth, que atingiu a massa terrestre um mês depois como um ciclone de categoria 4 com rajadas de vento de 220 km/h, foi o ciclone mais forte a atingir África<sup>2</sup>.

- 1 Aon. (2019). *Weather, Climate & Catastrophe Insight 2019 Annual Report*. <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/20200122-if-natcat2020.pdf>
- 2 Governo de Moçambique. (maio de 2019). *Mozambique Cyclone Idai Post Disaster Needs Assessment*.

**FIGURA 1**

Os impactos dos Ciclones Idai e Kenneth em Moçambique



(1) OCHOA. (2019). *Cyclones Idai and Kenneth*. <https://www.unocha.org/southern-and-eastern-africa-rosea/cyclones-idai-and-kenneth>

(2) Aon. (2019). *Weather, Climate & Catastrophe Insight 2019 Annual Report*. <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/20200122-if-natcat2020.pdf>

(3) Governo de Moçambique. (maio de 2019). *Mozambique Cyclone Idai Post Disaster Needs Assessment*.

(4) World Vision. (2019). *2019 Cyclone Idai: Facts, FAQs, and how to help*. <https://www.worldvision.org/disaster-relief-news-stories/2019-cyclone-idai-facts>

(5) Gulland, Anne. (7 de agosto de 2019). *Floods and drought: the challenges facing Mozambique's farmers after cyclone Idai*. The Telegraph. <https://www.telegraph.co.uk/global-health/climate-and-people/floods-drought-challenges-facing-mozambiques-farmers-cyclone/>

(6) United Nations Institute for Training and Research. (20 de março de 2019). *UNOSAT MOZAMBIQUE Sofala province Imagery analysis: 19 and 20 March 2019*. [https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/UNOSAT\\_A3\\_Natural\\_Portrait\\_TC20190312MOZ\\_SofalaProvince\\_20190320.pdf](https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/UNOSAT_A3_Natural_Portrait_TC20190312MOZ_SofalaProvince_20190320.pdf)

A depressão tropical 11, precursora do ciclone Idai, trouxe fortes chuvas a Moçambique, causando inundações no Vale do Zambeze (províncias de Tete e Zambézia) no início de março. A tempestade, no entanto, não parou aí. Depois de um caminho invulgar, voltou para o Canal de Moçambique, onde rapidamente se intensificou e depois regressou à massa terrestre, à medida que o ciclone Idai atingia a cidade portuária da Beira, a 15 de março. A velocidade do vento de 180 km/h arrancou telhados de casas e edifícios e trouxe uma maré

de tempestade de até 6 metros<sup>3</sup> para áreas residenciais e agrícolas de baixa altitude. Durante os dias que se seguiram, o ciclone Idai passou para o interior e para o Zimbabué, onde libertou chuvas torrenciais que fizeram com que rios a jusante nas províncias de Manica e Sofala, em Moçambique, transbordassem, formando um “oceano interior”.

3 O atingimento da massa terrestre do Idai deu-se aproximadamente ao mesmo tempo que a maré alta, embora, felizmente, não fosse dia de lua nova ou cheia, altura em que as marés se encontram no seu ponto mais alto. The Earth Observatory. (2019). *Devastation in Mozambique*.

Embora a velocidade do vento e o atingimento da massa terrestre tivessem sido rigorosamente previstos e os alertas tivessem sido comunicados vários dias antes da tempestade, o alerta sobre as inundações foi muito limitado. Como resultado, os impactos para as comunidades oriundas das águas das inundações foram severos, com inundações repentinas que forçaram as pessoas a subirem árvores e telhados para escapar das águas das inundações.

Em 25 de abril, o ciclone Kenneth atingiu a província do norte de Cabo Delgado, atingindo uma área que já sofre de um conflito prolongado. Enquanto o ciclone Kenneth enfraquecia à medida que se movia para o interior, a tempestade trouxe ventos fortes, maré de tempestade, chuvas fortes e inundações, o que danificou ou destruiu casas, causou falhas de energia e danificou as principais vias de transporte e pontes em toda a província.

Os impactos dos ciclones Idai e Kenneth destacaram a necessidade de um investimento muito maior na Redução de Risco de Desastres



*As recentes secas do sudeste de África, a intensidade e o poder destrutivo dos ciclones Idai e Kenneth são representativos dos tipos de desafios climáticos crescentes esperados com as alterações climáticas. A mudança dos padrões de precipitação, as temperaturas variáveis, o aumento do nível do mar, a intensificação de eventos extremos e o surgimento de novos perigos climáticos em locais anteriormente seguros são as consequências esperadas das alterações climáticas. Estes impactos podem conduzir a um aumento do risco de desastres, insegurança alimentar e escassez de água, exacerbando ainda mais as vulnerabilidades pré-existentes.*

(RRD) em Moçambique. O governo e os seus parceiros têm-se concentrado no desenvolvimento e na resposta a desastres com sucessos significativos. No entanto, face ao crescente risco climático, a RRD é fundamental para salvaguardar essas vitórias, garantindo que não são perdidas no próximo acontecimento catastrófico.

## Sucessos e Desafios na Redução de Risco de Desastres

Embora a amplitude e a profundidade dos impactos dos ciclones Idai e Kenneth fossem graves, existiram sucessos claros que impediram uma devastação ainda pior. A previsão dos próprios ciclones foi, em grande parte, precisa, em parte devido à colaboração internacional e no país na previsão. Além disso, os entrevistados relataram que, desde a criação do Instituto Nacional de Gestão de Calamidades (INGC) em 1999, a colaboração do INGC com as principais agências governamentais e organizações humanitárias e não governamentais (ONG) levou a uma clara definição e conhecimento das funções e responsabilidades, o que facilitou a preparação e a resposta imediata aos desastres. Houve também sucessos claros a nível de água, saneamento e higiene (WASH). A cidade da Beira, por exemplo, rapidamente retomou o funcionamento do seu sistema de tratamento e distribuição de água após o ciclone Idai, e a programação forte pré-desastre de WASH em áreas rurais contribuiu para limitar a propagação de doenças.

Ainda assim, entrevistas e investigação de apoio para este estudo revelaram vários pontos-chave que devem ser abordados para limitar impactos e destruição semelhantes aos gerados pelos ciclones Idai e Kenneth.

- **Melhorar sistemas de alerta prévio e ação antecipada de ponta a ponta.** Embora a previsão de ciclones fosse precisa, a comunicação de mensagens de alerta prévio



Danos do Ciclone Kenneth em Moçambique © FICV

para o nível comunitário era inadequada em relação à compreensão e entendimento do Idai. As pessoas receberam alertas, mas não perceberam a intensidade dos ventos que viriam e o impacto que esses ventos teriam e, por isso, falharam (ou não tiveram a capacidade) ao nível de tomada de ações preventivas adequadas. O alerta prévio em relação às inundações, segundo os residentes da comunidade, era praticamente inexistente. A falta de ação preventiva deveu-se, em parte, à natureza e escala extremas dos acontecimentos; as velocidades do vento do Idai e a precipitação bateram recordes. No entanto, tais eventos estão a ser intensificados pelas alterações climáticas e irão provavelmente voltar a ocorrer. A evacuação muito mais proativa de 30 000 residentes antes de o Kenneth atingir a massa terrestre

mostra a alacridade com a qual o governo e os seus parceiros estão dispostos a aprender e a adaptarem-se à sua nova realidade.

- **Identificar vias de evacuação e abrigos seguros nas comunidades e onde construí-los caso não existam.** Milhares de pessoas ficaram presas pelas águas das inundações sem o conhecimento de, ou acesso a, locais seguros para evacuação. Ao mesmo tempo, muitos edifícios que serviram como abrigos inadvertidos perderam os telhados devido aos ventos intensos. Tendo em conta as normas de construção e os materiais de construção disponíveis menos resistentes para os residentes mais pobres de Moçambique, é essencial identificar abrigos resistentes existentes e reforçar, equipar ou construir novos abrigos de emergência, caso não existam.

- **Proteger os sucessos nos programas de WASH através da incorporação da reflexão de RRD na sua localização e construção.** Os furos, os poços e os sistemas de saneamento foram inundados em toda a área de impacto do Idai, levando a um surto de cólera que foi suprimido apenas graças à rápida mobilização humanitária e ao forte investimento em resposta de emergência. As bombas manuais também ficaram danificadas, comprometendo o acesso das pessoas a água limpa.
- **Apoiar o desenvolvimento de meios de subsistência informados sobre os riscos.** As águas de inundação do Idai inundaram hectares de campos agrícolas, arruinando colheitas e deixando os agricultores de subsistência a depararem-se com uma terrível escassez alimentar. Há uma necessidade essencial em Moçambique e regionalmente de diversificação das estratégias de rendimento, melhoria de técnicas agrícolas, diversificação de culturas e formação na criação de produtos finais de valor mais elevado, para que os residentes tenham uma gama mais ampla de opções e estratégias de desenvolver a sua própria resiliência.
- **Apoiar a localização de conhecimento, competências técnicas, capacidades e equipamento e a sua manutenção para apoiar a preparação, a resposta e a recuperação de desastres.** Muitos voluntários de resposta a desastres relataram a falta de acesso a barcos em funcionamento e a equipamento de proteção necessários para uma resposta com segurança. Nas situações em que barcos e outros equipamentos mínimos estavam presentes antes das inundações do Idai, estes não eram adequados ao cenário (sem motor ou não eram suficientemente fortes) ou não eram mantidos de forma que pudessem realizar a sua tarefa.
- **Garantir que o investimento de tempo e dinheiro na recuperação é utilizado para o benefício máximo.** Depois do Idai, algumas pessoas estão a adaptar as suas casas para serem mais resistentes ao próximo ciclone através da melhoria da qualidade da areia ou das fixações dos telhados. Muitas outras, no entanto, estão a reconstruir as casas como sempre fizeram, colocando-as novamente em risco relativamente aos impactos dos ventos e da chuva. A diferença na resposta, muitas vezes, não é uma falta de recursos, mas simplesmente uma falta de conhecimento. As famílias não têm conhecimento de que existem materiais acessíveis e económicos a nível local que poderiam utilizar para reforçar a resistência das suas casas. Nos locais onde estão a ser discutidos programas institucionais de reconstrução, a atribuição de fundos está atrasada em relação às realidades do tempo no terreno. Precisando imediatamente de alojamento, as pessoas estão a investir os seus próprios recursos e a agir, mas a reconstruir com padrões menos resistentes. Os atrasos nos programas de reconstrução implicam a perda de oportunidades de reconstrução com normas mais resistentes.
- **Identificar e trabalhar com comunidades de difícil acesso em áreas remotas antes, durante e após um desastre para aumentar o acesso a sistemas essenciais.** Esta necessidade foi particularmente evidente no distrito de Búzi, onde o hospital ficou danificado e as inundações varreram o caminho principal para a Beira, comprometendo o acesso das pessoas aos mercados e cuidados de saúde externos.

Estes desafios destacam as áreas que podem ser reforçadas agora, através de intervenções e/ou programas específicos, para reduzir os danos de eventos futuros. Destacam, em particular, a necessidade de aumentar ações de desenvolvimento de resiliência e previsão. Infelizmente, as atuais tendências de financiamento tendem a favorecer programas que se concentram

principalmente no curto prazo e na resposta frente a programas que se concentram em iniciativas de RRD a mais longo prazo, embora a comunidade global tenha reconhecido a necessidade de mudar tais práticas. Por exemplo, apesar do recente compromisso global em aumentar o financiamento e o foco na recuperação e na resiliência das respostas humanitárias, o Plano de Resposta Humanitária de Moçambique identificou uma necessidade muito maior e angariou muito mais dinheiro para os setores de logística e de WASH do que para a recuperação e resiliência antecipadas. As necessidades de financiamento para os setores de logística e de WASH foram identificadas como 15,3 milhões de dólares americanos e 34 milhões de dólares americanos, respetivamente, tendo sido angariado ligeiramente mais de 50% desse dinheiro. Em contraste, não só as necessidades de recuperação antecipada e de resiliência foram avaliadas em apenas 8,3 milhões de dólares americanos, como apenas 4,3% desse total foi angariado<sup>4</sup>.

## A oportunidade

A integração de esforços de desenvolvimento de resiliência e de RRD na programação de desenvolvimento existente pode ajudar a garantir que os investimentos de desenvolvimento não sejam perdidos quando o próximo acontecimento catastrófico ocorrer. Caso falhe, será apoiada a tendência crescente atual de perdas de catástrofes. No entanto, o aumento dos esforços de RRD e de resiliência exigirá que os doadores se comprometam a financiar a mais longo prazo, apoiando mudanças duradouras e reduzindo as vulnerabilidades subjacentes.

Além disso, os doadores humanitários e de desenvolvimento precisam de começar a colaborar na forma como financiam a resposta e

a programação. Em vez de considerar a resposta humanitária e o desenvolvimento como domínios separados, a comunidade global tem de reconhecer que a resposta humanitária é necessária em áreas onde o desenvolvimento e a RRD foram insuficientes e onde, conseqüentemente, a prestação de ajuda por si só será um esforço interminável. Em vez disso, as partes interessadas devem começar a pensar de forma criativa sobre os locais onde o desenvolvimento e a RRD podem ser integrados ou sequenciados de forma eficiente com a resposta humanitária, e os doadores devem comprometer-se e concretizar o financiamento de ambos. Em última análise, isto pode significar mais gastos adiantados, mas os resultados a mais longo prazo devem reduzir a necessidade de investimento futuro.

Este estudo de PERC destaca várias vias para reforçar a RRD em Moçambique e para integrar um elemento de RRD mais forte na resposta humanitária para começar a resolver vulnerabilidades crónicas subjacentes:

- **Os doadores devem basear a ajuda na necessidade e as durações dos programas nos resultados.** O atual financiamento da resposta humanitária mantém-se demasiado concentrado em prazos em vez de se centrar nos resultados e necessidades, tais como retornar as famílias a níveis aceitáveis de segurança alimentar ou alojamento permanente. Independentemente da necessidade, muitas vezes o foco e o financiamento dos doadores deslocam-se para outros desastres e outras prioridades. Devido ao financiamento de tempo limitado, os entrevistados relataram que muitas organizações humanitárias começaram a sair de Moçambique, independentemente das necessidades das comunidades, no final de 2019. Esta questão está a deixar as comunidades em posições ténues, o que pode

4 UNOCHA. (2019). *Mozambique Humanitarian Response Plan 2019*. <https://fts.unocha.org/appeals/761/clus-ters?order=coverage&sort=desc>



Danos em Moçambique © FICV

resultar numa nova necessidade de ajuda humanitária nos próximos anos.

- **Tornar a RRD numa parte integrante do planeamento e financiamento da resposta humanitária.** Tendo especialmente em conta o facto de as alterações climáticas contribuírem para a intensificação dos perigos existentes e para o surgimento de novos perigos, a concentração exclusiva na resposta a desastres resultará num afastamento cada vez maior dos intervenientes humanitários e dos governos. Responder às necessidades humanitárias contínuas e urgentes deve ser uma questão cada vez mais equilibrada com a redução de riscos inteligente a nível climático a mais longo prazo, a preparação e a programação do desenvolvimento. Uma parte integrante da resposta humanitária deve assim incluir não só o apoio às pessoas durante um período de

tempo após o desastre, mas também esforços para mitigar as questões que contribuíram para que o evento se tornasse num desastre em primeiro lugar. Isto inclui a melhoria das reconstruções, a adaptação e a redução do risco subjacente. Por exemplo, uma oportunidade de abordar as necessidades de emergência de uma maneira que promove as comunidades para um lugar melhor do que aquele onde começaram é formar as pessoas em comunidades afetadas em apoio psicossocial, tal como algumas organizações fizeram no seguimento dos ciclones. Isto permite aos membros da comunidade apoiarem-se uns aos outros na recuperação, no período de tempo de que necessitarem, em vez de dependerem de ajuda externa. Por sua vez, isto ajuda a que os membros da comunidade deixem de ser vítimas e façam parte da solução, reduzindo o stress pós-traumático

que, se não for abordado, pode levar a que os indivíduos fiquem mais vulneráveis.

- **Utilizar uma abordagem de pensamento sistémico para ajuda humanitária e RRD.**

Os intervenientes humanitários, governos e profissionais de desenvolvimento devem trabalhar em conjunto para abordar o risco de desastres subjacente, a pobreza e a desigualdade através de um portefólio coerente e abrangente de investimentos sectoriais combinados com medidas sobre as alterações climáticas e redução de risco de desastres. A ajuda humanitária não deve ser pensada de forma separada disto, mas sim como uma oportunidade para aumentar temporariamente o foco e o financiamento disponíveis. Ao pensar criticamente com antecedência sobre como a resposta humanitária num determinado país ou área poderia ser integrada com os esforços contínuos relacionados com desenvolvimento, redução de riscos e adaptação às alterações climáticas (AAC), as partes interessadas ficarão mais bem posicionadas para responder numa emergência de forma a tirar partido dos benefícios partilhados da resposta a desastres.

- **Aumentar espaços para participação da comunidade e desenvolvimento de capacidades.**

A participação da comunidade é extremamente importante para orientar as prioridades de investimento público de forma eficiente e eficaz. Este é um ponto onde o governo de Moçambique, os doadores e as ONG estão focados, mas as entrevistas para este estudo indicam que ainda é necessário um esforço adicional. Os membros da comunidade estão mais bem posicionados para identificar e gerir as suas necessidades, riscos e os recursos ou acesso necessários para permitir o seu desenvolvimento e crescimento. Os governos investem muitas vezes recursos significativos em projetos ou serviços que não melhoram de forma mensurável as vidas dos seus cidadãos

simplesmente porque não compreendem plenamente as necessidades desses cidadãos. Aumentar o empenho e o envolvimento das comunidades nos processos de planeamento é o caminho mais rápido para o futuro. O Gabinete de Reconstrução Pós-ciclone Idai (GREPOC), por exemplo, está a trabalhar com as comunidades à medida que desenvolvem tipologias de alojamento resistentes para garantir que as casas que constroem se adequam às necessidades locais.

- **Envolver-se ativamente e proporcionar espaço para a liderança local.** A maioria das organizações humanitárias que respondeu após o Idai não incorporou a liderança local em processos fundamentais de tomada de decisões. Por exemplo, em muitas das reuniões de coordenação humanitária, não estavam presentes participantes locais (moçambicanos). Isto levou a que a resposta fosse principalmente conduzida por estrangeiros que tinham um conhecimento limitado do contexto local. Após um curto envolvimento, os especialistas muitas vezes partem ou mudam, deixando para trás sistemas fracos para continuar o trabalho de recuperação. A representação local deve ser comprometida proativamente no início das respostas humanitárias para manter o impacto da resposta além do envolvimento inicial.

- **As intervenções e os investimentos devem ser informados sobre os riscos, baseados em provas e adaptados às circunstâncias locais.** Em muitas áreas, tanto em Moçambique como em todo o mundo, o alto risco de desastres é agravado por altos níveis de pobreza e desigualdade. É sempre importante adaptar as intervenções aos contextos locais, mas tal é particularmente importante em áreas altamente vulneráveis e para populações altamente vulneráveis. As intervenções que funcionam para a população geral podem não funcionar para os grupos pobres, quase pobres



Danos causados pelo ciclone continuam visíveis um ano após Idai, área de Buzi, Moçambique © Michael Szönyi, Zurich Insurance Company Ltd

e mais vulneráveis. De facto, as intervenções terão de ser especificamente adaptadas a cada um destes diferentes grupos, de modo a conciliar necessidades, capacidades, recursos disponíveis e acesso significativamente diferentes.

## Conclusão

O atingimento de Moçambique pelos ciclones tropicais Idai e Kenneth afetou um país que já sofria de seca, insegurança alimentar, conflitos, efeitos prolongados de uma crise de dívida e vulnerabilidades socioeconómicas contínuas. Estes desafios subjacentes amplificaram os impactos das tempestades e sublinham a urgência com a qual a comunidade global precisa de ir além da atividade normal. Em vez de continuarem a concentrar-se

apenas em ações reais, as partes interessadas devem aumentar drasticamente os seus esforços de previsão para desenvolver resiliência e reduzir o risco de desastres. Este estudo encontrou uma oportunidade clara para esta mudança em várias áreas, incluindo alertas antecipados, alojamento resistente, abrigos, esforços de localização, programação de WASH, etc. De forma vital, isto faz com que os doadores mudem as suas práticas para utilizar uma abordagem de pensamento sistémico, baseando a ajuda na necessidade e as durações dos programas nos resultados, e para tornar a RRD numa parte integrante do planeamento e financiamento da resposta humanitária.

Agora é o momento de agir. Não agir deixará as comunidades de todo o mundo sujeitas às alterações climáticas e ao seu conseqüente



Distribuição de artigos não alimentares em Buzi, Moçambique, na sequência do Ciclone Idai © FICV

aumento em frequência e gravidade de desastres, e deixará as comunidades e os seus países progressivamente mais vulneráveis a perigos e choques. Isto, por sua vez, fará com que os governos e os doadores continuem a prestar ajuda humanitária ano após ano, evento após evento. Em

vez disso, os intervenientes humanitários precisam de aproveitar a oportunidade para estabilizar as comunidades durante a fase de resposta, ao mesmo tempo que também desenvolvem sociedades resilientes que sejam autónomas perante mudanças iminentes.

#### PARA MAIS INFORMAÇÕES

##### **IFRC Mozambique**

Leon Prop [leon.prop@ifrc.org](mailto:leon.prop@ifrc.org)

Rui Oliveira [rui.oliveira@ifrc.org](mailto:rui.oliveira@ifrc.org)

##### **IFRC Geneva**

Francisco Ianni [francisco.ianni@ifrc.org](mailto:francisco.ianni@ifrc.org)

##### **IFRC Nairobi**

Phoebe Wafubwa Shikuku [phoebe.shikuku@ifrc.org](mailto:phoebe.shikuku@ifrc.org)

#### COLABORADORES DA EQUIPE PERC

(Capacidade de Revisão Pós-evento)

##### **ISET-International**

Karen MacClune & Rachel Norton

##### **Zurich Insurance Company Ltd**

Michael Szoenyi

##### **IFRC**

Felicitas Ledergerber & Francisco Ianni

O estudo de PERC da Zurich Flood Resilience Alliance fornece investigação e revisão independente de eventos de inundações de grande escala. Este procura responder a questões relacionadas com aspetos da resiliência às inundações, gestão de risco de inundações e intervenção em catástrofes. Analisa o que funcionou bem (identificando as melhores práticas) e as oportunidades para melhorias adicionais. Preparada pelo Instituto de Transição Social e Ambiental Internacional (ISET), juntamente com outros membros da Zurich Flood Resilience Alliance - a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (IFRC) e o Zurich Insurance Company Ltd. - e em colaboração com a Cruz Vermelha de Moçambique (CVM) e a Agência Suíça para o Desenvolvimento e Cooperação (SDC), esta publicação destina-se exclusivamente a fins informativos. Todas as informações foram compiladas a partir de fontes fiáveis e credíveis; no entanto, as opiniões expressas são as dos autores. — março de 2020